

**IDENTIDADE CULTURAL E SOLIDARIEDADE - UMA RELAÇÃO PARA A
SOBREVIVÊNCIA NO DISTRITO DO PRADOSO, VITÓRIA DA
CONQUISTA- BA.**

Márcia Brito Nery Alves

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Pós-graduação em Geografia
Av. Mal. Rondon, s/n, Bairro Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE, Brasil
marcia.bna@gmail.com

Carley Rodrigues Alves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas,
Departamento de Educação.

Campus Universitário, s/n - Departamento de Educação
Lagoa Nova - 59072-970 – Natal/RN – Brasil
carley.alves@gmail.com

Janeiro de 2007

INTRODUÇÃO

O Pradoso é um dos onze distritos do município de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, no Brasil. Encontra-se numa zona de transição entre o contato da Mata de Cipó com a Caatinga. Os processos culturais que caracterizam os sertanejos de Pradoso mostram que homens e mulheres estabeleceram relações de solidariedade para sobreviverem durante os períodos de estiagem. Isto fez manter vivas manifestações da cultura popular ainda presentes no distrito, diante de um quadro atual de intensas modificações que fragmentam a cultura local.

O despertar por estudar a localidade se deu pela vivência tida com o lugar e com as pessoas da comunidade. Para apreender os processos culturais será necessário um estudo das manifestações e práticas sociais numa perspectiva fenomenológica. Pretende-se com estas reflexões investigar o sentido da conservação e manutenção de tradições e identidade do Pradoso diante do processo homogeneizador e excludente da globalização. Neste estudo, a contribuição se dará através de aportes teóricos e metodológicos da Fenomenologia, apresentando formas de leituras sobre as comunidades rurais, a partir das relações familiares.

Entende-se que o referido estudo poderá se constituir em um importante subsídio para os estudos da Geografia Cultural, com um direcionamento na investigação do mundo vivido e percebido pelos moradores de comunidades rurais, que em formas diversas se isolam ou se refugiam no espaço. Novos olhares criam e recriam novas paisagens, invisíveis aos nossos olhos, mas que são reveladas pelas experiências e vivências dos moradores. Isto nos permite decodificar e perceber os elementos, os signos e as essências que proporcionam uma melhor compreensão do espaço rural.

O DESPERTAR PELO PRADOSO E A METODOLOGIA DO TRABALHO DE CAMPO

O interesse por estudar e conhecer o Pradoso se deu num dado momento onde a prática pedagógica se fez necessária. Fatos cotidianos despertaram-nos vontade de

conhecer melhor a localidade, os costumes, as vivências que se intensificaram com o aumento da jornada pedagógica de vinte para quarenta horas semanais, o que implicava uma permanência maior na localidade. Entre um intervalo e outro de turno, saíamos, nós professores, para conhecer as famílias de alguns alunos que sempre faziam o convite para tomar um café, acompanhado com biscoito, beiju, farinha de tapioca, bolo de mandioca, bolo de puba, dentre outras delícias de derivados da mandioca. A cada convite aceito, uma amizade realizada. Eram nestes encontros que o contato com realidades e costumes diferenciados daqueles da vida urbana do município de Vitória da Conquista, nos chamavam a atenção. O sentimento de solidariedade se fazia mais pertinentes, nas reuniões da associação de moradores, na associação de pequenos produtores rurais, na associação de pais e mestres, nas rezas, enfim, nas relações diárias ali travadas. A solidariedade passou a ser observada também nas práticas cotidianas escolares, nos trabalhos, feiras e gincanas, festas comemorativas com outros eventos. Segundo Singer (2003):

A solidariedade é um sentimento de identificação com um outro, que pode chegar a ponto de fundir subjetivamente “num só” pessoas e agrupamentos interligados por ela. É um sentimento que motiva comportamentos solidários, ou seja, ações de ajuda e apoio recíprocas. A solidariedade-sentimento origina a solidariedade-ação e é esta última que tem significado político, social e econômico. A solidariedade decorre de afetividade: só podemos ser solidários com pessoas ou agrupamentos de que gostamos. A solidariedade é provocada por situações em que tais pessoas ou agrupamentos são vitimados ou encetam lutas que consideramos justas e necessárias.

A afetividade adquirida com o lugar e com os seus habitantes acrescida da necessidade de crescer intelectualmente, no sentido de poder galgar uma vaga no Mestrado em Geografia, compõe o quadro mais geral que condicionou os termos desta pesquisa, visando construir um discurso geográfico da forma e do conteúdo que assume a relação homem/natureza e homem/homem, no distrito do Pradoso, com vistas a uma compreensão dos padrões culturais, imprescindíveis à sobrevivência individual e coletiva na comunidade. Com a elaboração do projeto, sendo submetido a análise e aceito pelo NPGE, núcleo da Universidade Federal de Sergipe-UFS. Novos

desafios vêm a cada dia povoando e enriquecendo com novos elementos, a medida em que a pesquisa avança, descortinando novos vetores de análise, pautados na abordagem fenomenológica.

Diante de um processo global que, na atualidade, favorece, aos lugares, experimentar intensas modificações em seus padrões culturais, percebidas em alterações nas atividades econômicas, políticas e sociais, que refletem qualitativamente na cultura local. Nos distritos e comunidades da zona rural do semi-árido, os mecanismos e as estratégias estabelecidos, num longo período histórico, para permitir a convivência com o semi-árido, que moldaram relações de solidariedade e de caridade, subjetiva e objetiva, entre as populações sertanejas, sofreram alterações significativas e até mesmo, irreversíveis. Nosso interesse pelo Pradoso justifica-se, dessa forma, pela possibilidade de análise de fenômenos como a força da experiência cotidiana com as pessoas, a sua formação e suas identidades culturais, bem como com os processos de organização social, buscando situar a geografia enquanto uma ideologia do cotidiano. Singer (2003) afirma que:

Entre caridade e solidariedade há muita afinidade, ambas promovem ajuda objetiva e subjetiva aos que dela necessitam, sem que os autores da ajuda exijam ou esperem contrapartida por parte dos ajudados. Não se trata de transações ou trocas, mas de dádivas. A diferença entre caridade e solidariedade é que a primeira pressupõe que o prestador da ajuda tem mais poder e/ou recursos do que o recebedor da mesma; a segunda, pelo contrário, pressupõe igualdade entre quem dá apoio ou ajuda e quem os recebe. O laço de solidariedade, via de regra, liga pessoas ou agrupamentos, que são iguais ou no mínimo semelhantes em poder e recursos. É a situação objetiva que determina quem presta solidariedade e quem a recebe. Quem corre perigo ou se encontra inferiorizado recebe a solidariedade de quem não está submetido a tais dificuldades. Quando a situação muda, o sentido da solidariedade pode se inverter: quem antes prestou agora recebe solidariedade, quem a recebeu, agora a presta. Isso torna a solidariedade uma ação recíproca (o que evidentemente não se aplica à caridade).

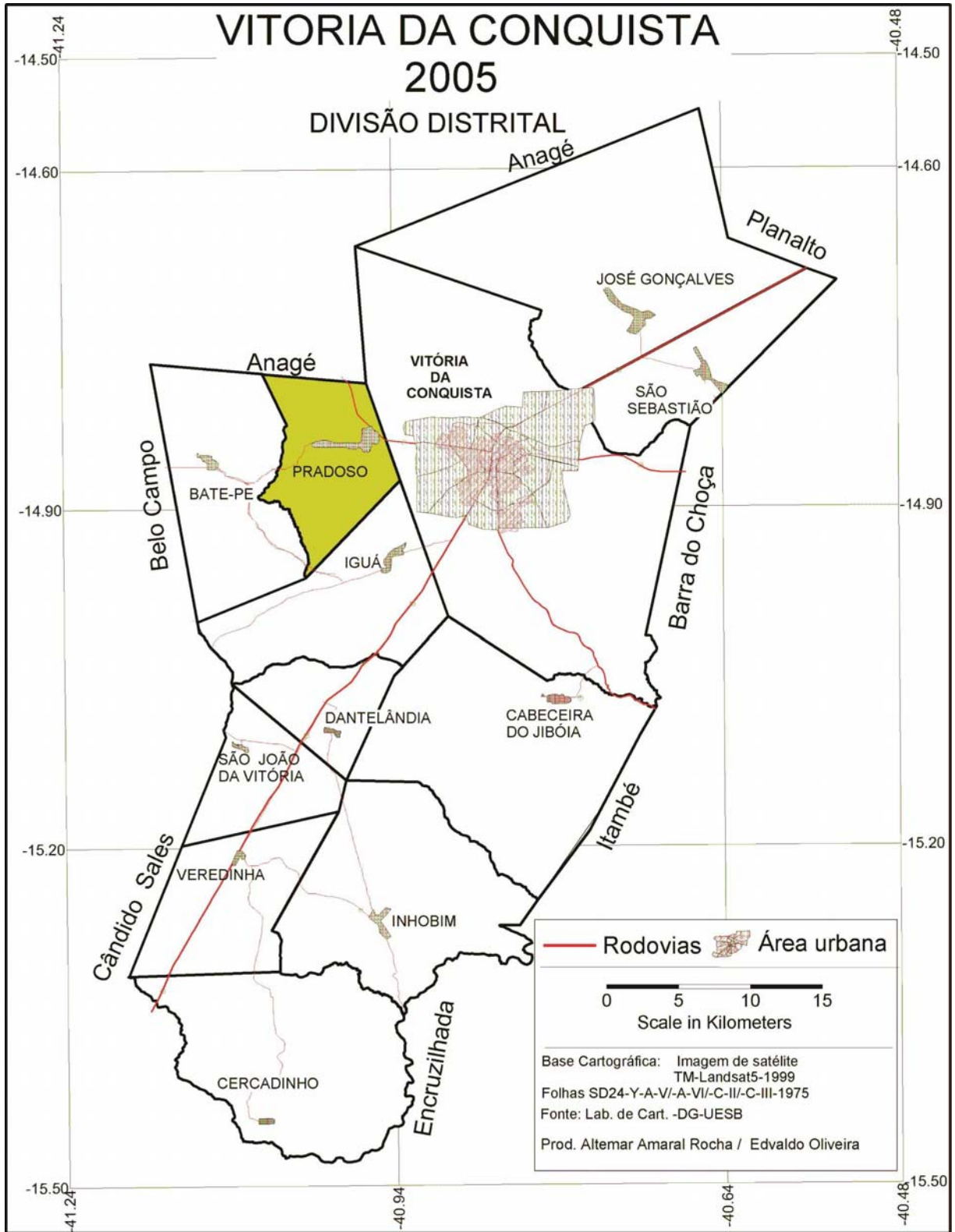
A noção filosófica de solidariedade relaciona-se ao reconhecimento de uma humanidade que é comum entre os seres humanos. Segundo Richard Rorty (1992, p.235), solidariedade humana “é dizer que há algo dentro de cada um de nós – a nossa

humanidade essencial – que ressoa com a presença dessa mesma coisa em outros seres humanos.” O autor defende que o homem ainda tem a capacidade de acreditar, de ser generoso. Capacidade esta que desaparecesse proporcionalmente a consolidação das relações capitalistas na cidade e no campo.

Para o autor, uma crença continua a reverter-se em *praxis*, ainda que as populações envolvidas não tenham consciência dos fatores históricos e culturais que, sutilmente, continuam a contingenciar as ações. Rorty afirma que é mais fácil se solidarizar pelo que está mais próximo. Nesta perspectiva, pode-se argumentar que as dificuldades em se lidar com níveis cada vez maiores de complexidade cultural e com dúvidas e ansiedades que este processo gera é uma das razões por que o localismo – ou o desejo de permanecer numa localidade delimitada – torna-se um tema importante. Almeida (2003, p.75) nos reforça essa idéia, com a noção de *cultura ecológica*, enquanto *natureza culturalizada*, onde a organização do espaço, o território propriamente dito, responde inicialmente a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção se dá em função das relações sociais que o atravessam. Porém, sua função não é somente estrutural. As concepções de mundo, de natureza, sistema de valores ambientais, relações pessoais, sociais e mutua solidariedade dão conformação à identidade dos sertanejos de Pradoso.

A noção de lugar, o termo local e todos os seus derivados podem ser conceituados como um espaço particular delimitado, observado o conjunto das relações sociais baseadas fortemente em amplos laços familiares e tempo de residência, ou seja, relações territorializadas. Para Featherstone, a nossa identidade, assim como a dos outros, está ancorada neste local específico, emocionalmente carregado e sedimentado com associações simbólicas e interações cotidianas. Portanto, é a partir do local que o indivíduo constrói seu modo de vida, ou seja, organiza a sua vida pessoal e social, as suas relações familiares e de trabalho.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DO DISTRITO DO PRADOSO



CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL E ECONÔMICA DO DISTRITO

O Distrito do Pradoso está localizado no limite ocidental do Planalto de Conquista, que estabelece a transição entre o fim da mata de cipó e início da caatinga, do semi-árido baiano. A 12 km da sede urbana do município, é um dos onze distritos que compõem a cidade de Vitória da Conquista no Sudoeste da Bahia a 509 km da capital. Segundo Ross (2005, p.176), o clima semi-árido ocorre nas depressões sertanejas, desde a bacia do rio Paraguaçu até a bacia do Rio de Contas, abrangendo o sul da microrregião do Piemonte da Diamantina; oeste da microrregião de Feira de Santana e de Jequié; sudoeste da microrregião da Chapada Diamantina Meridional; noroeste da microrregião do Planalto de Conquista e norte da microrregião da Serra Geral da Bahia.

Localizado na faixa semi-árida, o Distrito apresenta um índice de umidade negativo (-20 a -40), totais pluviométricos anuais entre 500 e 800 mm, ausência de excedente hídrico e elevada deficiência hídrica no solo, 350 a 650 mm anuais, por um período de 9 a 12 meses ao ano; características estas que justificam o domínio da vegetação xerófila aí encontrada, representada pela Estepe Arbórea Densa e Estepe Arbórea Aberta que assenta sobre solos eutróficos, podendo a área ser enquadrada no domínio morfoclimático da caatinga. Não obstante, *strito sensu*, a noção de caatinga relacionar-se a um tipo de formação no interior da zona semi-árida, de acordo com Gomes (2000, p.57):

O termo "caatinga", porém, possui diferentes significados. Considerando o significado ecológico-regional, a caatinga designa o ambiente ecológico que corresponde ao Trópico Semi-árido ou Sertão Nordeste. Fitogeograficamente, a caatinga determina, em um sentido amplo, uma classe ou grupo de formações vegetais.

O sertanejo do Pradoso vem criando mecanismos para sobreviver às dificuldades impostas pela estiagem ao longo de algumas décadas. Tuan (1983) ressalta que o estilo de vida de um povo é a soma de suas atividades econômicas, sociais e

ultraterrenas. São essas relações culturais que irão moldar os lugares, dando forma e caracterizando o usufruto do conhecimento, estabelecido entre o homem e a natureza. Apesar de apresentar dificuldades aparentes em relação ao acesso à água, o potencial hídrico do Pradoso é significativo. Existem dois riachos com as suas nascentes no Distrito, que abastecem os povoados vizinhos da Gameleira, do Iguá e de Bate-Pé. O riacho dos Quatis, que abasteceu o povoado de Iguá até o ano de 2005, quando foi canalizada água do riacho da Gameleira, pela Embasa (Empresa Baiana de Água e Saneamento). Em seu curso o riacho da Gameleira irriga varias propriedades de pequeno porte no cultivo de hortaliças e verduras até chegar ao distrito de Bate-Pé. Na realidade, constata-se a existência de água no distrito, e o que fica evidente é a falta de planejamento na distribuição correta, no sistema de abastecimento.

Até janeiro de 2004, 95% das residências dispunham de cisternas, de acordo observações realizadas em campo. As cisternas no período de estiagem contribuíam para a redução do nível de água no lençol freático, o que levava a uma escassez ainda maior, com impacto nas nascentes de pequenos riachos, e o abastecimento muitas vezes era realizado por carros pipas. Sem falar dos lagos, lagoas e alagados de tamanhos diferenciados espalhados pelo distrito. Estes estão sendo assoreados, poluídos e devastados pelas atividades extrativas das olarias e poluídas pelas casas de farinha que canalizam a manipueira para as lagoas e até mesmo para a nascente do riacho dos Quatis. A foto abaixo traz um detalhe da nascente do Riacho dos Quatis, já castigado pela ação antrópica.

Nascente do Riacho dos Quatis, na sede do Distrito do Pradoso



Foto: Márcia Brito Nery Alves, set/2006.

É na agricultura de subsistência que os sertanejos tiram parte do sustento da família, envolvendo quando não todos, uma boa parte dos seus membros nessa atividade. Uma parte da produção é comercializada, a exemplo da mandioca. Parte de sua produção é destinada ao fabrico de farinha e de goma. Estuda-se, atualmente, a formação de uma cooperativa visando um direcionamento da produção de mandioca para a fécula, já que as casas de farinha não têm dado um retorno financeiro significativo aos pequenos produtores. A mandioca é uma cultura resistente a períodos longos de estiagem, o que favorece e justifica o seu plantio na região.

Existe no distrito uma certa vocação para a fabricação de produtos derivados da mandioca, como a goma fresca, usada no preparo de beiju doce e salgado, recheado e tapioca; a goma doce, no preparo de sequilhos, os mais variados possíveis; e, a goma azeda, utilizada no preparo de biscoitos avoador e chimango, que são produzidos nas fabriquetas de fundo de quintal. A foto abaixo mostra as condições de trabalho em uma das fabriquetas de biscoito no Distrito do Pradoso. Pode-se observar que todo o processo é manual.

Fabriqueta de biscoito no distrito do Pradoso



Foto: Márcia Brito Nery Alves, set/2006.

A puba é outro derivado da manipulação da mandioca que é utilizada e comercializada tanto fresca, quanto seca, e é base para bolos, biscoitos, mingaus e cuscuz. As casas de farinhas não perderam suas funções de fabricação da tradicional farinha, mas as variedades de produtos derivados da mandioca diversificaram a produção local. A foto abaixo mostra o interior de uma das fábricas de farinha do Distrito do Pradoso. Fica evidente que apesar das condições de trabalho árduo e desfavoráveis, existe uma alegria em ser fazer o que se sabe e se gosta.

Casa de Farinha no Distrito do Pradoso



Foto: Márcia Brito Nery Alves, set/2006.

Mesmo vocacionada para produção da mandioca, nos períodos de chuva, outros produtos são cultivados na região. Dentre estes se destacam o milho, o feijão de corda e de arranque, o andu, as hortaliças, verduras e plantas medicinais. Esse plantio é utilizado tanto para consumo próprio, como para troca. O excedente da produção é comercializado nas feiras livres dos municípios de Vitória da Conquista, de Barra do Choça, do Tremedal e de Anagé, dentre outros. Essa comercialização não se configura de forma sistemática e periódica. Nos períodos de estiagem prolongada o pequeno

produtor se vê obrigado a deixar temporariamente a sua terra, indo trabalhar nas olarias locais, outras terras, casas de famílias e feiras livres.

Outra atividade, que é praticada no distrito desde o início de sua formação com a chegada dos primeiros moradores é a extração da argila na fabricação de tijolos. Em períodos secos do ano a maioria dos trabalhadores se dedica a sua produção. Esta atividade vem sendo desenvolvida ao longo dos anos sem nenhuma orientação técnica para preservação do meio ambiente ou segurança no trabalho. A argila é retirada aleatoriamente, em áreas centrais no distrito, até que seja esgotada uma determinada frente de lavra, passando-se muito rapidamente para outra, e assim por diante, gerando um impacto acentuado no solo. A foto abaixo, traz um exemplo de área exaurida de extração de argila, empregada no fabrico artesanal de tijolos. Evidencia-se o grau de degradação do solo.

Frente de lavra de argila exaurida, no Distrito do Pradoso



Foto: Cíntia Araújo.

As crateras resultantes da atividade acabam servindo de depósito para a manipueira e tanques que são preenchidos na época das águas, período compreendido entre os meses de janeiro a março. Alguns alagadiços são utilizados para criação de peixes, uso doméstico e dessedentação animal. A atividade de olaria, apesar de ter incorporado alguma tecnologia na produção, guarda ainda tradições artesanais históricas.

UM LUGAR PARA AS TRADIÇÕES NO DISTRITO DO PRADOSO

Pode-se observar que parte dos jovens repete as práticas dos mais antigos e perpetua a tradição. De certa forma, não por interesse próprio, mas uma necessidade voltada para a sobrevivência. Os mais antigos, ao contrário da maioria dos jovens, fazem perpetuar suas tradições, através de manifestações culturais. Segundo Giddens (2000), a tradição existe e esta é específica de um dado momento, a uma dada população, que pode ser incorporada pelas populações futuras, sendo mantidas ou modificadas. Na foto abaixo, um casal típico de sertanejos chegando da roça do Distrito: Dona Quena e Seu Zequinha. Ambos encostados no fogão à lenha, na cozinha, local onde recebem com frequência suas visitas. Ela, sinônimo de

Casal de sertanejos do Distrito do Pradoso

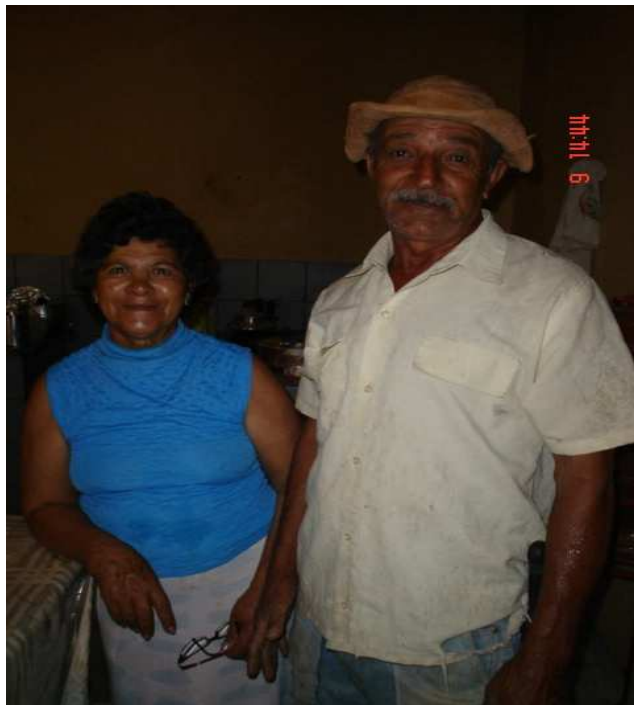


Foto: Márcia Brito Nery Alves, set/2006.

mulher forte, matriarca que cuida da casa, filhos e responsável pelas rezas da família. Ele típico sertanejo chegando da roça, com chapéu de catingueiro e facão amarrado a cintura. Ele é um dos responsáveis pela interpretação dos sinais do tempo.

Dessa forma, os meses de outubro e novembro, que antecedem as chuvas, são de muitas expectativas. A comunidade se reúne nas casas para a realização das rezas e pedem a Nossa Senhora Aparecida que mande a chuva tão esperada durante a estiagem que castiga o Sertão e o sertanejo. Neste sentido, Carlos (1996, p.29) afirma que:

O lugar é produto das relações humanas, entre o homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

As reuniões ocorrem de forma sistematizada. A primeira reza em uma família se dá na casa da matriarca e na seqüência os filhos realizam cada um, à sua vez, em suas casas. E todos que estiverem presente na primeira reza ficam convidados a participarem das demais, que se seguem o que irá depender do número de filhos que a matriarca possui. As orações podem variar de horário, podendo acontecer pela manhã, seguida de um café da manhã, no final da manhã, seguida de um almoço e no início da noite, seguida de um café bem reforçado. Geralmente é montado um altar na sala. A dona da casa, e auxiliada por uma pessoa da comunidade ligada à Igreja, que direciona a ladainha.

As mulheres e as crianças permanecem no local das orações e os homens se prostram aos derredores, também concentrados e acompanhando as ladainhas e cantos. São momentos de reencontro com familiares, com amigos e parentes que canalizam suas atenções para a espera dos meses que se seguem, onde a chuva irá permitir, ou não, uma boa colheita garantindo a fatura. O mês de outubro é repleto de rezas, tendo o

seu ápice no dia 12, com a realização da missa e da procissão que percorre boa parte das ruas do distrito. As atenções se direcionam para os anciãos, que passam a interpretar os sinais da natureza que possam indicar a chegada da chuva. Ao chegar as primeiras chuvas, toda uma previsão do futuro próximo, os três meses que se seguem, já pode ser feita. Se a tanajura sair e o sol a derrubar não são bons sinais, mas se a chuva derruba-lhe as asas, pode começar a preparar a terra, que o feijão de corda vai enramar e nas muitas flores, vagens vão vingar. O sertanejo terá alguns meses de alegria, água, fartura e a esperança de um próximo outubro voltar a chover, para sua terra ver florescer.

Segundo Almeida e Vargas (1998), fazem-se necessário a analisar e a compreensão de elementos fundamentais na dimensão cultural que forja a relação do sertanejo com a caatinga. A preocupação de caracterizar a cultura, história, sociedade, dinâmica familiar e relações do homem com o meio estão presentes a todo instante nesta pesquisa. Existe algo de misterioso na relação do sertanejo com a caatinga. Sobretudo, um encantamento que faz com que o homem do campo estabeleça todo um diálogo com a natureza, retirando dela suas condições de sobrevivência. Esbarramos assim na sobrevivência do homem, na possibilidade de manutenção da vida. O que seria necessário estabelecer e consolidar laços de compromisso efetivos entre o estado, a sociedade e a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA M. G. e VARGAS. M. A.M. 1998. A dimensão cultural do sertão sergipano. In: DINIZ, J. A. F. e FRANÇA (Orgs.). Capítulos de Geografia Nordestina. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998. pp.113-114
- ALMEIDA, M. G. 2002. Cultura Ecológica e Biodiversidade. Mercator Revista de Geografia da Ufc, Fortaleza, v. 3, p. 71-82, 2002.
- CARLOS, A. F.A. 1996. O Lugar no/do Mundo. São Paulo. Hucitec, 1996.
- FEATHERSTONE, Mike. 1996. Localismo, Globalismo e Identidade Cultural in Revista Globalismo e Fragmentação (Sociedade e Estado) vol. XI – nº 1 (janeiro-junho). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- GOMES, Alessandra Rodrigues. 2000. Avaliação da vulnerabilidade à perda de solo em região semi-árida utilizando sensoriamento remoto e geoprocessamento – área piloto de Parnamirim (PE). Dissertação de Mestrado. INPE - São José dos Campos. Disponível em <http://www.obt.inpe.br/pgsere/Gomes-A-R-2000/publicacao.pdf>. 2000. Acessado em 24 de outubro de 2006.
- RORTY, Richard. 1992. Solidariedade. In: Contingência, Ironia e Solidariedade. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- ROSS, J. L. S. 2005. Geografia do Brasil. 5.ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- SINGER, Paul. 2003. Desenvolvendo confiança e solidariedade: as instituições necessárias. Disponível em http://www.ie.ufrj.br/desenvolvimento/pdfs/developendo_confianca_e_solidariedade_as_instituicoes_necessarias.pdf. 2003. Acessado em 25 de outubro de 2006.
- TUAN, TUAN, Yi-Fu. 1983. Espaço e Lugar. A perspectiva da Experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Difiel, São Paulo. 1983.